

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

7-8 ANOS

*Livro do Catequista*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Iniciação à vida cristã : 7-8 anos : livro do catequista / Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. – São Paulo : Paulinas, 2016. – (Coleção água e espírito)

Bibliografia  
ISBN 978-85-356-4161-5

1. Catequese - Igreja Católica - Ensino bíblico 2. Catequistas - Educação 3. Educação religiosa da criança 4. Fé 5. Vida cristã I. Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. II. Série.

16-06449

CDD-268.432

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Catequese para crianças : Cristianismo : Livro do catequizando 268.432

Direção-geral: *Bernadete Boff*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*  
*Antonio Francisco Lelo*

Copidesque: *Monica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecília Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustração de capa: *Jotáb*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

1ª edição – 2016

3ª reimpressão – 2018

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2016

“A infância constitui o tempo da primeira socialização, da educação humana e cristã na família, na escola e na comunidade. É preciso considerá-la como uma etapa decisiva para o futuro da fé, pois nela, através do Batismo e da educação familiar, a criança inicia sua iniciação cristã”  
(*Diretório Nacional de Catequese*, n. 199).



# Sumário

Apresentação .....	7
O processo da iniciação cristã .....	9
Planejar a ação catequética .....	21
<b>Unidade 1 .....</b>	<b>29</b>
1º Encontro – Encontro com as famílias.....	31
2º Encontro – Somos um grupo.....	37
3º Encontro – O catequista .....	40
4º Encontro – A fé em Deus.....	43
5º Encontro – O desejo de conhecer Deus.....	47
6º Encontro – Vivência: Deus é luz .....	50
7º Encontro – Celebração de acolhida .....	53
<b>Unidade 2 .....</b>	<b>57</b>
8º Encontro – Quem é Deus? .....	59
9º Encontro – Vamos conversar com Deus.....	62
10º Encontro – Deus se revela na natureza.....	65
11º Encontro – Deus se revela nas pessoas.....	68
12º Encontro – Deus se revela em Jesus Cristo .....	70
13º Encontro – Jesus passou por este mundo fazendo o bem.....	74
14º Encontro – Assim como Jesus, fazemos o bem .....	79
15º Encontro – Jesus continua conosco.....	82

<b>Unidade 3</b> .....	87
16º Encontro – Eu creio em Deus.....	89
17º Encontro – A família crê.....	92
18º Encontro – Viver a fé em comunidade .....	95
19º Encontro – A Palavra de Deus.....	97
20º Encontro – Escutar a Palavra .....	100
21º Encontro – Quando não escuto a Palavra.....	102
22º Encontro – Celebração do perdão .....	105
23º Encontro – Pedir e agradecer a Deus .....	107
24º Encontro – Celebração de agradecimento.....	110

# Apresentação

Torna-se necessário proporcionar experiências que animem as crianças, desde sua mais tenra idade, a iniciar a caminhada de fé na vida da comunidade, a acompanhar o processo de amadurecimento da fé e a formar a consciência cristã no seu modo de pensar e de agir.

É sabido que o desejo de orientá-las é o ponto inicial para que os catequistas se sintam motivados a aprofundar o seu conhecimento sobre o modo como a iniciação das crianças de 7-8 anos acontece. Torna-se indispensável desenvolver competências de ordem pedagógica e catequética para o bom acompanhamento do grupo na caminhada de fé e para apoiar o catequista a fim de que ele possa com segurança desenvolver seu trabalho. Estes são os principais objetivos deste subsídio.

Não basta somente *boa vontade*; há de se garantir uma postura de estudo e de reflexão da própria prática, porque é fundamental a construção do planejamento da ação catequética para que o trabalho adquira identidade e sejam superados a desorganização, os improvisos e a falta de objetivos claros a serem atingidos.

Vivemos uma realidade na qual as novas gerações precisam ser acompanhadas para que reflitam o Evangelho e tenham atitudes que expressem princípios como honestidade, respeito e amor, elementos imprescindíveis para o desenvolvimento da sua identidade humana e cristã. Mas como ajudar a criança a fazer a experiência de fé para despertar tal consciência?

O método deste livro não se resume em pedir para as crianças colorirem e ficarem apenas ocupadas. Muito mais que isto, ao preparar o encontro, o catequista encontrará uma proposta de trabalho que valoriza e respeita suas descobertas religiosas. Seguindo o estilo

catecumenal, apresentamos um itinerário catequético para crianças de 7 a 8 anos, com linguagem dinâmica, interativa e lúdica. Este livro auxilia a criança a descobrir o plano salvador de Deus e a reconhecer a ação dele em sua vida, para que experiencie a graça de Deus nas várias dimensões de sua vida e dê seus primeiros passos no conhecimento do Evangelho.

O *Livro do catequizando e da família* será utilizado no momento da vivência do encontro e traz atividades complementares. Nele, também o catequista encontrará orientações para ajudar a família a retomar o encontro em casa, de modo que ela possa acompanhar o processo de crescimento do seu filho na fé.

# O processo da iniciação cristã

## A CRIANÇA COM 7-8 ANOS

*Quem são os nossos catequizandos? Quais são as suas experiências? Como eles compreendem o mundo à sua volta? Como educá-los na fé?* As crianças fazem parte da vida da comunidade e apresentam um *jeito de ser* que precisa ser conhecido e muito bem acolhido e valorizado.<sup>1</sup>

Hoje vivenciamos a realidade na qual a criança tem seu lugar garantido no seio da sociedade e nela buscamos compreender como a identidade dessa criança é construída e quais são os seus níveis de desenvolvimento, a fim de que possamos cada vez mais aprimorar as nossas atitudes em relação a esta etapa tão importante da vida humana.

Neste *jeito de ser* o catequista poderá identificar importantes aspectos sobre o nível de desenvolvimento psicológico e de socialização dos pequenos, bem como o potencial religioso que neste momento orientará toda a organização da ação catequética. Sobre estes aspectos destacamos:

---

<sup>1</sup> Historicamente os estudos afirmam que nem sempre as crianças foram reconhecidas como pessoas de direito e em desenvolvimento e que muitas vezes foram simplesmente esquecidas pela sociedade. Em outros momentos a infância foi elevada à categoria de um adulto em miniatura e exigia-se que ela se vestisse, trabalhasse e assumisse responsabilidades que custavam até mesmo a sua própria vida.

<p>Nível de desenvolvimento psicológico</p>	<p>Tempo de autoafirmação/consolidação da primeira infância, que se caracteriza em especial pelo modo como a criança sente, pensa e age sobre o mundo que a cerca.</p> <p>Encontra-se marcado profundamente pela curiosidade e motivado pelo conhecimento sobre a forma como as coisas acontecem. A criança inicia um processo interno de autoconhecimento. As experiências vividas até o momento começam a se tornar importantes referências. Ela faz memória das situações, consegue expressá-las e relacioná-las de modo a garantir a coerência das ideias.</p>
<p>Nível de socialização</p>	<p>Momento de reconhecimento do outro. O que antes se traduzia somente pelas suas necessidades começa a ser compreendido a partir do que os outros também necessitam. A criança compreende que nem todos pensam igualmente, desejam ou têm acesso às mesmas coisas, ou seja, que existe uma diversidade de pessoas e de situações. Ela inicia o processo de reconhecimento da importância dos vínculos afetivos, da confiança nas pessoas que fazem parte da sua vida.</p>
<p>Nível de desenvolvimento cognitivo</p>	<p>A aprendizagem a partir da experiência é a principal responsável pela construção do conhecimento. A criança inicia um processo de elaboração e de validação das próprias ideias e reconhece o valor da leitura e da escrita como formas de expressão. As palavras já começam a lhe ser familiares, uma vez que se encontra em um estágio inicial de alfabetização. O que é lido e escrito para ela torna-se motivo de grandes descobertas por já possibilitarem que realize as próprias interpretações e seus primeiros registros.</p>
<p>Potencial religioso</p>	<p>A criança apresenta abertura às experiências com o sagrado. Consegue perceber a presença dos valores como bondade, honestidade, amizade, perdão e solidariedade, entre outros; nas relações humanas e por meio do testemunho dos mais velhos inicia um processo de compreensão da ação divina em meio às situações cotidianas. Estas atitudes estão estreitamente ligadas à manifestação dos sentimentos, como, por exemplo, o sentir-se bem. O amadurecimento na vida de fé encontra-se impulsionado pelos primeiros passos em vista da autonomia humana e espiritual.</p>

Não podemos diminuir a importância desta fase do desenvolvimento humano. As próprias observações das crianças sobre o mundo que as cerca e as suas experiências realizadas na convivência familiar e escolar têm diagnosticado ser a infância uma etapa de grandes e importantes transformações na construção de sua personalidade e dos referenciais que marcam toda sua existência.

Neste sentido, no que se refere à catequese com crianças o *Diretório Nacional de Catequese*, n. 197, destaca:

A infância se caracteriza pela descoberta inicial do mundo, com uma visão ainda original, embora dependente da assistência dos adultos. A criança tem o direito ao pleno respeito e à ajuda para seu crescimento humano e espiritual.

Vivemos uma mudança de época que marca profundamente as relações entre as gerações e precisamos saber acolher o novo modo como a infância está sendo construída. A este respeito o *Diretório*, n. 198, ainda afirma:

As crianças de hoje são mais ativas, fazem mais perguntas e não se deixam convencer simplesmente com o argumento da autoridade de quem fala. Com maior acesso aos meios de comunicação, podem até ter mais informações sobre a realidade do que o catequista, embora não disponham da necessária maturidade para analisar tudo que recebem. Por vezes trazem também dramas e mágoas que exigem uma conversa diferente, personalizada.

Educar na fé é uma grande responsabilidade e será a partir da compressão de *Quem é a pessoa do catequizando* que o catequista poderá com maior segurança estar com os pequenos e proporcionar-lhes experiências que efetivamente os aproximem de Deus.

## O CATEQUISTA

Diante das novas gerações, o catequista reconhece a urgência de se preparar para bem realizar o seu ministério. *Não se pode oferecer aquilo que não se tem!* Ser catequista é uma realidade que exige cada vez mais uma atitude responsável, e os saberes neces-

sários à sua formação necessitam garantir uma atenção especial à forma como os interlocutores do processo, ou seja, as crianças, se apropriam das realidades da fé. Para seu *ser, saber e saber fazer*, necessita percorrer o caminho com o Mestre, alimentar-se de sua Palavra, ter sensibilidade e maturidade de fé e estar inserido na comunidade cristã, pois é em Seu Nome que ele fala.

Ao aceitar o chamado de estar junto àqueles que desejam encontrar e seguir Jesus Cristo, o catequista necessita desenvolver o seu trabalho de forma coerente e criativa, conhecendo cada criança para descobrir o melhor modo de cumprir a sua missão. Ainda de acordo com o *Diretório Nacional de Catequese*, n. 198, será bastante útil ter familiaridade com o universo infantil: brincadeiras, situação escolar e familiar, histórias em quadrinhos e filmes que as crianças preferem, literatura infantil de boa qualidade.

A Igreja espera contar, hoje, com catequistas que, além de estar capacitados para o serviço da catequese, sejam capazes de, principalmente pelo testemunho de vida, conduzir, de fato, seu catequizando ao encontro com Jesus, vivo e ressuscitado. Este é o catequista mistagogo, que vive do mistério e é capaz de conduzir ao mistério. Para tanto, é preciso:

- querer estar com as crianças, tendo garantida a construção do vínculo afetivo entre catequista e catequizando;
- valorizar a forma como elas entendem o mundo a sua volta, ou seja, saber ouvir e dialogar com elas a partir do que já sabem, para poder alcançar o que precisam aprender;
- ser paciente para acolher as mais diversas realidades nas quais as crianças se encontram e ajudá-las a entender como Deus se comunica e ama o seu povo;
- ser criativo, conversando com o grupo para encontrar, a partir da própria realidade, os meios que melhor apresentem as verdades da fé;
- ajudar as crianças a viverem a vida de fé em comunidade a partir do seu próprio testemunho.

Será na realização do trabalho que o catequista sentirá a importância de cada um dos itens citados anteriormente. É a partir do processo de autodescoberta de si mesmo como catequista e da postura de respeito e valorização do catequizando que encontrará os elementos necessários ao próprio planejamento da ação catequética.

## **A DIMENSÃO DO VÍNCULO AFETIVO**

As crianças gostam de estar em grupos e desenvolvem afinidades tanto entre elas quanto com os adultos. Na catequese não poderia ser diferente. Ao iniciarmos a organização da ação catequética, é muito comum as crianças fazerem parte de um grupo e, a partir dele, assumirem uma nova identidade. As trocas de experiências, a diversidade e a valorização de jeitos e de opiniões auxiliam no desenvolvimento infantil e fazem com que sejam estabelecidos laços de confiança e de afeto que possibilitam às crianças maior segurança na realização do que lhes é proposto. Trata-se de pensar a importância dos sentimentos na mediação das experiências e, conseqüentemente, na construção do conhecimento enquanto uma das principais características a serem assumidas na catequese com estilo catecumenal.

Jesus acolhia as pessoas, aproximava-se, conversava com elas, estabelecia um vínculo de confiança para concretizar o seguimento. Assim como ele, o catequista segue os princípios de conquistar a criança a partir das relações que estabelece com ela, buscando aproximá-la de Deus por meio do carinho e da atenção, do respeito ao seu tempo e jeito de ser. Estas atitudes marcam profundamente o processo catequético.

As crianças, de modo especial, são convencidas a partir do testemunho de quem está com elas e acreditam com base no modo como algo lhes é apresentado. Para isso, é preciso:

- ouvir suas opiniões e valorizar suas ideias, superando a mentalidade de que elas são muito pequenas e não conseguem entender;

- contar com sua ajuda na própria organização da vida da comunidade, como, por exemplo, participando em equipes litúrgicas, grupos de oração.

Se apresentarmos algo de forma alegre, prazerosa e tranquila, naturalmente as crianças compreenderão e manifestarão o desejo de aprender muito mais. Será a partir do modo como o catequista acredita no que realiza que elas também acreditarão. Daí a importância do seu testemunho de fé, da sua presença amigável e sincera e da sua postura de valorização delas.

#### Resumindo

- As crianças gostam de estar em grupos e desenvolvem afinidades.
- Os laços de confiança e de afeto possibilitam às crianças maior segurança na realização do que lhe é proposto.
- É a partir do testemunho de quem está com elas e do modo como a fé lhes é apresentada que as crianças iniciam a sua caminhada.
- Se apresentamos algo de forma alegre, prazerosa e tranquila, as crianças compreendem e manifestam o desejo de aprender muito mais.

## **A DIMENSÃO LÚDICA E EXPERIENCIAL**

O jeito de fazer a catequese acontecer precisa estar pautado em orientações que favoreçam *a construção da realidade da fé em uma linguagem acessível às crianças*. É preciso conhecer o que as anima e desenvolver vivências que revelem o mistério da fé de forma agradável e suave; um processo iniciático que as convide divertidamente ao seguimento de Jesus. Para as crianças a catequese é uma grande novidade, uma realidade que se desvenda a cada encontro, e para que elas desejem participar é preciso uma atenção especial do catequista sobre duas dimensões que marcam profundamente a identidade da ação catequética nesta etapa. Trata-se das dimensões lúdica e experiencial, que podem ser entendidas da seguinte forma:

- *Dimensão lúdica*: compreende a brincadeira e a imaginação, a criação e o desafio; parte do princípio de que o pensamento da criança é motivado a construir o conhecimento sobre o mundo que a cerca e valoriza as expressões oral e corporal como meios para que ela possa realizar projeções, analisar hipóteses, validar regras e alcançar objetivos.
- *Dimensão experiencial*: estabelece íntima relação com a dimensão lúdica na medida em que também se pauta no princípio da construção do conhecimento e reconhece o valor da experiência, ou seja, da vivência de diversas situações pelas quais a criança possa progressivamente amadurecer a sua identidade e traduzir suas emoções e sentimentos.

Neste sentido, em que as dimensões lúdica e experiencial favorecem o planejamento da ação catequética? Quais são as suas contribuições para o desenvolvimento de uma catequese que preza pelo encontro com o Senhor, ou seja, pelo primeiro anúncio junto às crianças em processo de iniciação à vida cristã?

É preciso ter claro que uma catequese que valoriza a imaginação e a criatividade das crianças e que promove experiências significativas às suas expectativas apresentará maiores condições de se tornar atraente aos olhos dos pequenos. A criança necessita ser acolhida de forma a se tornar protagonista do processo, e não uma mera expectadora.

É próprio da infância a alegria, a curiosidade, a observação, e a valorização deste jeito de ser das crianças possibilita o desenvolvimento de uma prática catequética coerente com os anseios desta etapa da vida humana.

#### Resumindo

- Pensar a organização da ação catequética junto às crianças pressupõe o conhecimento de duas importantes dimensões: a lúdica e a experiencial.
- A dimensão lúdica compreende o valor da brincadeira e da imaginação; a dimensão experiencial reconhece o valor das experiências vividas pelas crianças para o seu aprendizado, e ambas favorecem o planejamento da ação catequética.

- A construção da realidade da fé deve ser realizada por meio de uma linguagem acessível às crianças.
- Muitas vezes o catequista acredita que somente falando com as crianças e lhes explicando os fatos da fé é que elas irão aprender. Isso pode fazer com que o processo se torne cansativo e que não se sintam motivadas a participar. Precisamos saber falar com elas e ouvir as suas opiniões para que, por meio do diálogo e das experiências, a vida de fé possa ser cuidadosamente desenvolvida.
- É preciso desenvolver vivências que revelem o mistério da fé de forma agradável e suave, num processo iniciático que as convide divertidamente ao seguimento de Jesus.

## **A DIMENSÃO CELEBRATIVA**

Os sinais celebrados na liturgia têm a sua fonte de graça na história da salvação, de acordo como foi empregado e compreendido no Antigo e Novo Testamentos. A Escritura se vale dos sinais para expressar a comunicação de Deus com o povo.

*A unidade entre a Palavra e o sacramento* leva o catequista a valorizar as pequenas celebrações que põem os catequizandos em contato direto com a graça anunciada no mistério da Palavra.

O catequista não deve temer ou sentir-se inseguro, porque se trata do mesmo movimento da Palavra: uma vez anunciada, agora se torna realidade de salvação, ao ser ritualmente celebrada. *O sacramento é a Palavra visível, resultante da união da Palavra com o elemento* e requer a fé de quem o recebe para o acontecimento de graça ser completo. O elemento pode ser um gesto (por exemplo: a imposição de mãos) ou algo material como o pão e o vinho.

## **OS QUATRO PASSOS PARA FAZER MISTAGOGIA**

O significado do símbolo vai se concretizando passo a passo, indo daquilo que ele mostra imediatamente aos nossos sentidos

até chegar a seu significado final, que só alcançamos com a fé. Parte do visível para chegar ao invisível; por isso, é imprescindível ter olhos de fé para alcançar o mistério.

Como se trata de crianças em fase de construção do pensamento abstrato, há a necessidade de ouvi-las e considerar atentamente as suas contribuições para aproximar e ampliar o seu quadro de referência. É preciso valorizar o que elas já sabem, pois muitas já reconhecem o valor daquele elemento que será celebrado e a importância dele nas tarefas do dia a dia, e cabe ao catequista construir junto com o grupo o crescente sentido do símbolo, até o mesmo se tornar um símbolo de fé cristã.

Por isso, é preciso ter clareza dos passos a serem dados para construir o sentido do símbolo com a colaboração das crianças e assim alcançar o significado que ele revela. Como os degraus de uma escada, apresentamos quatro passos:

- 1) Partir do sentido comum que o sinal possui na cultura atual. Por exemplo: uso da água na sociedade, que causa sua falta ou seu excesso... É mais natural partir daquilo que conhecemos para acrescentarmos outros significados ao gesto.
- 2) Apresentar como a água foi portadora da salvação no Antigo Testamento – na criação, no dilúvio, na travessia do Mar Vermelho – e que foi plenificada de sentido em Jesus Cristo – nos batismos de João no rio Jordão e, especificamente, no de Jesus, que santificou suas águas; quando Jesus prometeu a água viva para a samaritana e cumpriu sua promessa do alto da cruz e quando seu coração aberto pela lança derramou sangue e água.
- 3) Mostrar como a liturgia celebra este sinal salvador, hoje, produzindo graça e salvação para aquele que o recebe. Na água abençoada na celebração, ao ser batizado, o eleito é perdoado de seus pecados, recebe o Espírito Santo para viver como filho de Deus.
- 4) Considerar a responsabilidade que este gesto implica para a vida. Ter presente que este sinal requer uma fé consciente e

responsável com o dom recebido, pois sua finalidade é a vida nova em Cristo na dinâmica implantada pelo Reino.

Cada um desses passos oferece uma gama de sentidos que, conjuntamente somados, nos revelam a passagem de Deus em nossa vida.

Para cumprir esta finalidade, há que desenvolver vivências dos ritos na catequese para unir a Palavra com o gesto litúrgico.<sup>2</sup> *A vivência litúrgica quer proporcionar o contato direto de nossos sentidos com o símbolo para despertar a experiência efetiva da graça de Deus.*

## VIVÊNCIA

Articular adequadamente as orações a partir da Palavra proclamada com os gestos litúrgicos correspondentes demanda que o catequista ou dirigente tenha vivência e prévio conhecimento litúrgico. A informalidade do grupo, como também o pequeno número de participantes facilitarão o clima familiar na celebração.

Como desenvolver a celebração com finalidade mistagógica? Propomos que, no pequeno grupo, o catequista desenvolva com serenidade e segurança as celebrações deste livro:

- 1) Reflita sobre os quatro passos referentes ao símbolo. Por exemplo: água, fonte batismal, luz (fogo), pão, vinho, altar, óleo, cruz, imposição de mãos.
- 2) Distribua tarefas, como: providenciar o material necessário, acolher os colegas, proclamar as leituras, proferir as preces... E demonstre segurança ao conduzir a celebração, uma vez que entendeu o objetivo e cada um dos passos da vivência.
- 3) E o grupo celebra o que foi planejado. Em tom familiar, o catequista inicia a celebração com o canto de um mantra ou outro adequado, prossegue com a saudação inicial e, depois,

---

<sup>2</sup> Conferir mais amplamente o tema em NUCAP. *Mistagogia: do visível ao invisível*. São Paulo: Paulinas, 2013.

comenta o sentido usual do símbolo, dando o passo seguinte: mostra o sentido bíblico. Ele deve sempre perguntar, escutar e valorizar as intervenções dos participantes.

A essa altura, proclame a Palavra. Demonstre como as promessas bíblicas se cumprem no rito litúrgico. Há que unir a Proclamação da Palavra com o sinal escolhido. Realize o gesto litúrgico. O encontro da Palavra com o símbolo se desdobrará em súplica, louvor ou pedido de perdão.

Nos diálogos transcorridos durante a celebração, naturalmente sobressairá o compromisso vital que nasce entre a ação divina e a resposta de adesão de nossa parte.

Muitas vezes será necessário dedicar um encontro inteiro para realizar a vivência no grupo. Mais que celebrar o rito às pressas, o importante é não queimar etapas para que o objetivo de sensibilização e de nova visão do símbolo seja alcançado. Recomenda-se que a celebração transcorra num clima familiar e orante.

Se você, catequista, não tem a prática de conduzir uma celebração ou oração comunitária, procure tomar alguns cuidados prévios. Lembre-se de que não se trata de simplesmente apresentar, por exemplo, um símbolo como a cruz, mas de colocá-la em interação com os participantes. Uma coisa é apresentá-la, outra é criar um clima orante, sem pressa, alternando orações, silêncio, canto, proclamação da Palavra, intercessões etc., no qual se reza sobre o valor salvífico da cruz e os participantes são convidados a beijá-la com fé, atenção e respeito.

Neste livro, propomos a celebração de entrada para ser feita na comunidade e na presença dos responsáveis, possivelmente após a homilia de uma missa dominical da comunidade. Também apresentamos três pequenas vivências sobre: os gestos de escutar a Palavra e de perdoar o outro e a atitude de agradecer a Deus.

- Há urgente necessidade de unir a Palavra refletida na catequese com o símbolo celebrado na liturgia.
- Na celebração ocorre a união da Palavra com o símbolo. O que une a Palavra com o símbolo é a fé de quem celebra.
- Para unir catequese com a liturgia é necessário dar quatro passos:
  - 1º Como ao subir os degraus de uma escada, o símbolo tem uma primeira fonte de significado na sua compreensão cotidiana.
  - 2º Damos mais um passo, agregamos o sentido bíblico. A gente não inventa o sentido salvador do símbolo, mas é a Palavra de Deus que revela como a água, o óleo, a luz e o pão foram usados como meios de salvação.
  - 3º Subimos mais um degrau, é o sentido litúrgico. Aí nos perguntamos: como a liturgia emprega este símbolo como elemento salvador nesta celebração? O que ele produz?
  - 4º No quarto degrau, o símbolo nos questiona qual é a responsabilidade que temos com ele. Ou seja, em que ele modifica a nossa vida e responsabiliza nosso modo de viver.